

John le Carré
◊
UMA VERDADE INCÓMODA

Romance

Tradução de
J. Teixeira de Aguiar





No segundo andar de um banal hotel da colónia da coroa britânica de Gibraltar, um homem desenvolto e flexível, de cinquenta e muitos anos, percorria, inquieto, o quarto para cá e para lá. As suas feições muito britânicas, embora agradáveis e manifestamente honradas, indiciavam uma natureza colérica levada ao limite do suportável. Um professor universitário atormentado – poder-se-ia pensar, ao observar a marreca, a passada larga de quem vive enfrornado nos livros e a errante madeixa de cabelo grisalho sobre a testa que tinha de ser repetidamente disciplinada à custa de sacudidos empurrões com as costas do pulso ossudo. Não ocorreria decerto a muita gente, nem nos seus mais fantasiosos sonhos, que se tratava de um funcionário público médio britânico, arrancado à sua secretária de um dos mais prosaicos departamentos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Comunidade Britânica de Sua Majestade para ser incumbido de uma missão ultrassecreta de extrema delicadeza.

O seu nome suposto, como perseverava em repetir de si para si, às vezes até meio em voz alta, era Paul, e o apelido – não propriamente difícil de recordar – era Anderson. Se ligasse o televisor, este dizia: *Bem-vindo, Mr. Paul Anderson. Que tal tomar um*

aperitivo de oferta antes do jantar no nosso Lord Nelson's Snug! O ponto de exclamação no lugar do mais indicado ponto de interrogação era uma fonte de constante contrariedade para o picuinhas que havia nele. Vestia o roupão branco de pano turco do hotel e havia setenta e duas horas que o trazia posto, exceto quando tentava debalde dormir ou, uma vez apenas, subira furtivamente a horas impróprias para comer sozinho numa *brasserie* do terraço inundada pelos vapores de cloro da piscina de um terceiro andar do outro lado da rua. Como muitas outras coisas do quarto, o roupão, demasiado curto para as suas pernas compridas, cheirava a tabaco cediço e a ambientador de lavanda.

À medida que andava de um lado para o outro, exprimia determinadamente os seus sentimentos de si para si sem o comediamento habitual da sua vida oficial, e as suas feições tão depressa se contraíam de honesta perplexidade, como se refletiam, carregadas, no espelho de corpo inteiro aparafusado no papel de parede axadrezado. Aqui e além falava consigo próprio, à guisa de consolo ou exortação. Também meio em voz alta? Que diferença fazia, achando-se encafuado num quarto vazio sem ninguém a ouvir a não ser uma fotografia colorida da nossa querida rainha jovem montada num cavalo castanho?

Numa mesa de tampo de plástico estavam os restos de uma sanduíche de dois andares meio comida que ele declarara morta à chegada e uma garrafa de Coca-Cola morna abandonada. Embora isso lhe fosse difícil, abster-se de bebidas alcoólicas desde que tomara posse do quarto. A cama, que ele aprendera a detestar como nenhuma outra, era suficientemente grande para seis pessoas, mas bastava-lhe deitar-se nela para ficar aflito das costas. Tinha por cima uma coberta escarlata de imitação de seda e sobre a coberta estava um telemóvel de aspeto inocente que lhe haviam garantido ter sido modificado para o mais alto grau de cifra e, embora ele não tivesse grande fé nesses assuntos, só

podia supor que assim fosse. De todas as vezes que passava pelo aparelho, o seu olhar cravava-se nele com um misto de censura, ânsia e frustração.

Lamento informá-lo, Paul, de que estará totalmente incomunicável exceto para fins operacionais ao longo de toda a missão, alerta-o a penosa voz sul-africana de Elliot, o seu automeado comandante no terreno. Se alguma infausta crise se abater sobre a sua simpática família durante a sua ausência, ela comunicará as suas preocupações ao departamento de assistência do seu serviço, após o que alguém entrará em contacto consigo. Faço-me entender, Paul?

Fazes, Elliot, a pouco e pouco, fazes.

Ao chegar à enorme janela panorâmica do fundo do quarto, levantou mal-humoradamente a vista através das encardidas cortinas de rede para o lendário Rochedo de Gibraltar, o qual, amarelento, encarquilhado e distante, lhe devolveu o olhar carancudo como um viúvo zangado. Mais uma vez, levado pelo hábito e pela impaciência, examinou o seu relógio de pulso alheio e comparou-o com os numerais verdes do rádio-relógio da cabeceira. O relógio de pulso era de aço martelado, com mostrador preto, um substituto do Cartier que lhe fora oferecido nos vinte e cinco anos de casados pela sua bem-amada mulher graças à herança de uma das suas muitas falecidas tias.

Mas espera aí um minuto! *O Paul não tem mulher, raios!* Paul Anderson não é casado nem tem uma filha. Paul Anderson é um eremita, raios!

«Não podemos deixá-lo andar com *isso*, Paul, meu querido, pois não?», está a perguntar-lhe há uma eternidade uma mulher maternal da sua idade, na vivenda suburbana de tijolos próxima do aeroporto de Heathrow onde ela e a sua colega, qual irmã, o vestem para o papel. «Com essas lindas iniciais gravadas é que não, não é verdade? Teria de dizer que o tinha surripiado a alguém casado, não é, Paul?»

Partilhando o gracejo, determinado como sempre a ser *bom rapaz* segundo a sua própria opinião, ele fica a olhar enquanto ela escreve *Paul* numa etiqueta autocolante e guarda o relógio de ouro num cofre juntamente com a aliança até aquilo a que chama *o fim*.

Mas antes de mais como raio vim eu parar a este buraco?

Saltei ou fui empurrado? Ou foi um pouco de uma coisa e outra?

Descreva, por favor, numas quantas voltas bem escolhidas ao quarto, as circunstâncias precisas da sua improvável viagem da bem-aventurada monotonia até ao confinamento solitário num rochedo colonial britânico.

– Então como está a querida da sua pobre mulher? – pergunta a quase aposentada mulher de gelo do Departamento de Pessoal, agora pomposamente rebatizado Recursos Humanos, por nenhuma razão que se saiba, a qual o chamara sem uma palavra de explicação aos seus majestosos aposentos numa tarde de sexta-feira quando todos os bons cidadãos se apressam a ir para casa. São os dois velhos adversários. Se alguma coisa têm em comum, é a sensação de haver já tão poucos da sua estirpe.

– Obrigado, Audrey, nada pobre, felizmente – responde ele, com a frivolidade determinada que finge para encontros de risco de vida que tais. – *Querida* sim, mas *pobre* não, folgo em dizê-lo. Continua em remissão total. E você? Rija como um pero, espero bem, não?

– Portanto é abandonável – alvitra Audrey, ignorando aquela amável pergunta.

– Não, caramba! Em que sentido? – mantendo resolutamente a jovial ironia.

– Neste sentido: estaria por acaso interessado em passar quatro dias assustadoramente secretos, que *talvez* pudessem mesmo ser cinco, no estrangeiro, num clima saudável?

– Acontece, Audrey, que por acaso era capaz de estar consideravelmente interessado. A nossa filha adulta está agora a viver connosco, de maneira que a ocasião dificilmente podia ser melhor, visto que se dá o caso de ela ser *médica* – não se contém que não acrescente com orgulho, mas Audrey permanece indiferente às prendas da filha.

– Não sei do que se trata nem tenho nada que saber – diz ela, respondendo a uma pergunta que ele não lhe fez. – Há lá em cima um novo ministro jovem e dinâmico chamado Quinn, do qual talvez já tenha ouvido falar. Gostaria de falar imediatamente consigo. É um estreante, para o caso de não lhe ter chegado a notícia aos ermos das Contingências Logísticas, recentemente vindo da Defesa... o que não é grande recomendação, mas pronto.

Onde diabo quer ela chegar? Claro que lhe chegou a notícia. Ele lê os seus jornais. Vê o telejornal. Fergus Quinn, deputado, Fergie para toda a gente, é um zaragateiro escocês, uma pretensa *bête intellectuelle* das hostes do New Labour. Na televisão é eloquente, belicoso e alarmante. Além disso, orgulha-se de ser o flagelo do povo contra a burocracia de Whitehall: uma louvável virtude vista de longe, mas não especialmente tranquilizadora no caso de a pessoa ser um burocrata de Whitehall.

– Quer dizer *agora*, neste instante, Audrey?

– É o que eu entendo que ele quer dizer com «imediatamente».

A antecâmara ministerial está vazia; o pessoal saiu há muito. A porta de mogno ministerial, sólida como ferro, está entreaberta. Bater e esperar? Ou bater e empurrar? Faz um pouco de

uma coisa e outra e ouve: «Não fique aí. Entre e feche a porta.» Ele avança.

O corpo robusto do jovem e dinâmico ministro está esterlicado num *smoking* azul-escuro. Com um telemóvel no ouvido, posta-se diante de uma lareira de mármore muito grande entulhada de papel de alumínio vermelho a imitar chamas. Tal como na televisão, também ao vivo é encorpado, tem um pescoço volumoso, cabelo ruivo muito curto e uns olhinhos lesto e ávidos num rosto de pugilista.

Atrás dele ergue-se um retrato de três metros e meio de um construtor de impérios do século XVIII, de calção. Por um malicioso momento originado pela tensão, a comparação entre os dois homens é irresistível. Embora Quinn pretenda estreneamente ser um homem do povo, têm ambos o beicinho de desagrado dos privilegiados. Ambos assentam o peso do corpo numa perna só e têm o outro joelho fletido. Estará o jovem e dinâmico ministro prestes a desencadear uma expedição punitiva contra os odiados franceses? Irá ele, em nome do New Labour, censurar a insensatez da multidão ululante? Não faz uma coisa nem outra; ao invés, com um decidido «Eu ligo-te mais tarde, Brad» para o telemóvel, avança para a porta, fecha-a e faz meia volta.

– Dizem-me que o senhor é um *experimentado elemento do ministério*, não é assim? – pergunta em tom acusador, com o seu sotaque de Glasgow cuidadosamente acalentado, depois de uma inspeção da cabeça aos pés que parece confirmar os seus piores receios. – *Cabeça fria*, o que quer que isso seja. Vinte anos *em bolandas pelo estrangeiro*, segundo os Recursos Humanos. *A personificação da discrição*, não se atrapalha com facilidade. É um grande elogio. Não que eu acredite necessariamente no que me dizem por aqui.

– São muito amáveis – retruca ele.

– E está encajado. Confinado ao quartel. Na prateleira. O estado de saúde da sua mulher prendeu-o, não é assim, faça o favor de me dizer?

– Mas só nos últimos anos, senhor ministro – não propriamente grato pelo «na prateleira» –, e de momento tenho toda a liberdade para viajar, felizmente.

– E a sua situação atual é...? Ajude-me, por favor.

Ele está prestes a fazê-lo, realçando as suas muitas responsabilidades indispensáveis, mas o ministro atalha, impaciente:

– Muito bem. Eis a minha pergunta. Você teve alguma experiência direta de trabalho de informações secreto? Você *pessoalmente* – adverte, como se houvesse outro você menos pessoal.

– *Direta* quererá dizer em que sentido, senhor ministro?

– Tipo capa e espada, o que é que pensava?

– Só como consumidor, infelizmente. Ocasional. Do produto. Não das maneiras de o obter, se é essa a sua pergunta, senhor ministro.

– Nem sequer quando andava em bolandas no estrangeiro, que ninguém teve a gentileza de me especificar?

– Lamentavelmente, as minhas situações no estrangeiro propendiam a ser sobretudo económicas, comerciais ou consulares – explica ele, recorrendo aos arcaísmos linguísticos que emprega sempre que se sente ameaçado. – É óbvio que de vez em quando tinha acesso a um ou outro relatório secreto... nenhum de grau elevado, diga-se desde já. Receio bem que tudo se resuma a isso.

O ministro, porém, parece momentaneamente encorajado pela sua falta de experiência conspirativa pois há um sorriso parecido com complacência que perpassa pelas suas largas feições.

– Mas é uma pessoa segura, certo? Não experimentada talvez, mas segura, para tudo isso.

– Bem, gosto de pensar que sim – acanhadamente.

– Alguma vez lidou com CT?

– Desculpe?

– *Contraterrorismo*, homem! Lidou com isso ou não? – dirigindo-se-lhe como a um idiota.

– Receio bem que não, senhor ministro.

– Mas dá-lhe *importância*? Não dá?

– A quê, exatamente, senhor ministro? – tão cooperante quanto possível.

– Ao bem-estar da nossa nação, por amor de Deus! À segurança do nosso povo, onde quer que esteja. Aos nossos valores fundamentais em tempos de adversidade. Pronto, ao nosso *património*, se preferir. Ao nosso *património* – empregando a palavra como se fosse uma murraça anticonservadores. – Não é um daqueles criptoliberais que albergam ideias secretas sobre o direito de os terroristas fazerem a porra do mundo ir pelos ares, pois não?

– Não, senhor ministro, penso poder dizer com segurança que não – murmura ele.

Mas o ministro, longe de o acompanhar no embaraço, agrava-o:

– Ora bem. E se eu lhe dissesse que a missão extremamente delicada que tenho em mente para si envolve privar o inimigo terrorista dos meios de lançar um ataque premeditado à nossa pátria, *não* viraria de imediato as costas, depreendo eu?

– Pelo contrário. Sentir-me-ia... bem...

– Sentir-se-ia *o quê*?

– Satisfeito. Privilegiado. Orgulhoso, aliás. Mas um tanto ou quanto surpreendido, é óbvio.

– Surpreendido precisamente com *quê*, diga lá?

– Bem, não me compete perguntar, mas porquê eu? Estou certo de que o ministério tem uma boa quantidade de gente com o género de experiência que o senhor procura.

O ministro vira-se elegantemente para a janela de sacada e, com o queixo agressivamente espetado por cima do laço, e o fecho do laço a sobressair desastrosamente das almofadas de

carne da nuca, contempla o saibro dourado da Parada da Guarda Montada ao sol do final da tarde.

– Se eu lhe dissesse também que nunca na sua vida revelará por palavras ou ações ou quaisquer outros meios o facto de determinada operação de contraterrorismo ter sido sequer pensada, quanto mais executada – olhando indignadamente em redor à procura de uma maneira de sair do labirinto verbal em que se metera –, isso entusiasma-o ou desanima-o?

– Se me considera a pessoa indicada, senhor ministro, aceito gostosamente a missão, seja ela qual for. E tem a minha solene garantia de discrição permanente e absoluta – insiste ele, corando um pouco, de irritação por ver a sua lealdade chamada à colação e examinada diante dos seus próprios olhos.

De ombros curvados à melhor maneira churchilliana, Quinn continua emoldurado na janela de sacada, como se esperasse impacientemente que os fotógrafos terminassem o seu trabalho.

– Há certas pontes que têm de ser negociadas – anuncia severamente, dirigindo-se ao seu próprio reflexo. – Tem de ser dada luz verde por algumas pessoas bastante cruciais dum lado e doutro ali da rua – espetando a cabeça taurina na direção de Downing Street. – Assim que a obtivermos, se a obtivermos, e nunca antes, você será informado. A partir dessa altura, e durante o tempo que eu entender conveniente, será os meus olhos e os meus ouvidos no terreno. Nada de dourar a pílula. Nada daquelas evasivas ou conversa fiada dos Negócios Estrangeiros. Comigo não, obrigado. O senhor conta-me tudo sem paninhos quentes, exatamente como o vê. A visão fria, dos olhos de um velho profissional que estou em crer que seja. Está a ouvir-me?

– Perfeitamente, senhor ministro. Ouço-o e compreendo exatamente o que me diz. – A sua própria voz, a falar-lhe vinda de uma nuvem distante.

– Tem algum Paul na família?

- Perdão, senhor ministro?
- Valha-me Deus! É uma pergunta bastante simples. Há alguém na sua família chamado *Paul*? Sim ou não. Irmão, pai, sei lá.
- Nenhum. Lamento, mas não há nenhum Paul à vista.
- Nem *Pauline*? Entre as mulheres. *Paulette*, ou coisa que o valha?
- Nenhuma mesmo.
- E *Anderson*? Não há por lá quem se chame Anderson? Anderson de solteira?
- Mais uma vez, que eu saiba, não, senhor ministro.
- E o senhor está em estado razoável. Fisicamente. Uma caminhada dura em terreno acidentado não vai deitá-lo abaixo?
- Caminho com energia. E sou um entusiasta da jardinagem – da mesma nuvem distante.
- Espere pelo telefonema dum homem chamado Elliot. Elliot vai ser a sua primeira indicação.
- E Elliot será o nome dele ou o apelido, posso saber? – ouve-se a inquirir apaziguadoramente, como se estivesse a fazer a pergunta a um alienado.
- Como diabo hei de eu saber? Ele opera em segredo sob a égide de uma organização mais conhecida como Ethical Outcomes. Gente recém-estabelecida na praça, equipada com o melhor que há no ramo, segundo me garantem os especialistas.
- Desculpe, senhor ministro. De que ramo se trata, ao certo?
- Fornecedores de equipamentos de defesa privados. Por onde é que o senhor tem andado? Hoje em dia é o que está a dar. A guerra passou a ser um fenómeno empresarial, para o caso de não ter reparado. Os exércitos profissionais permanentes já deram o que tinham a dar. Pesadões, mal equipados, com um brigadeiro para cada doze soldados no terreno, e custam os olhos da cara. Experimente um par de anos a tentar gerir a Defesa, se não acredita em mim.

– Ah, mas acredito, senhor ministro – espantado com esta rejeição em bloco das forças armadas britânicas, mas apesar de tudo desejoso de não contrariar o homem.

– Anda a tentar passar a casa a patacos, não é verdade? Em Harrow, ou lá onde é.

– Harrow, está certo – ultrapassada agora a surpresa. – North Harrow.

– Problemas de dinheiro?

– Oh, não, longe disso, felizmente! – exclama ele, agradecido por ser devolvido à terra, ainda que apenas por momentos. – Tenho alguma coisa de meu e a minha mulher recebeu uma modesta herança que inclui uma propriedade rural. Tencionamos vender a nossa casa atual enquanto o mercado se aguenta e viver frugalmente até fazermos a mudança.

– O Elliot vai dizer que quer comprar a sua casa de Harrow. Não dirá que é da Ethical nem de coisa nenhuma. Viu os anúncios na montra da imobiliária ou onde quer que seja, viu a casa por fora e gosta dela, mas há questões que precisa de discutir. Há de sugerir um local e uma hora para se encontrarem. Você concordará com tudo o que ele propuser. É assim que estes sujeitos funcionam. Mais alguma pergunta?

Fez alguma?

– Entretanto, comporta-se como um homem completamente normal. Nem uma palavra a ninguém, seja aqui no ministério, seja em casa. Percebeu bem?

Não percebeu. Nem pouco mais ou menos. Mas um sincero e confundido «sim» a tudo aquilo e uma lembrança pouco clara de como chegou a casa nessa noite, depois de uma reconstituente visita de sexta-feira à noite ao seu clube de Pall Mall.